

## LEITURA DE CAPAS DE REVISTAS INFANTIS<sup>1</sup>

*Flávia Brocchetto Ramos<sup>2</sup>*

*Neiva Senaide Petry Panozzo<sup>3</sup>*

---

### RESUMO

A pesquisa abrange a leitura de diferentes produtos culturais contemporâneos destinados à infância. Trata-se de um desdobramento de questões evidenciadas em virtude dos processos de hibridização de linguagem. Entre as ações desta pesquisa, está a análise de revistas infantis, visando à identificação e à caracterização de apelos verbo-visuais empregados na sua constituição e que mobilizam o leitor. O estudo descritivo-analítico investiga de que forma a linguagem, a cultura e a visão de infância constituem e são constituídas pelas capas das revistas *Recreio*, *Ciência hoje das crianças* e *Turma da Mônica Jovem*. A escolha desses periódicos deve-se a resultados de pesquisas realizadas anteriormente, as quais mostraram que essas são as revistas mais lidas por estudantes de escolas localizadas em Caxias do Sul (RS).

**Palavras-chave:** Linguagem. Infância. Leitura. Produto cultural.

---

### READING CHILDREN'S MAGAZINE COVERS

#### ABSTRACT

The research contemplates the reading of different contemporary cultural products destined for children. It is an offshoot of issues highlighted because of the language hybridization processes. Among the actions of this research is the analysis of children's magazines, aiming the identification and characterization of verbal and visual appeals employed in its constitution and that involve the reader. The

descriptive and analytical study investigates how language, culture and vision of childhood constitute and are constituted by the covers of the magazines *Recreio*, *Ciência hoje das crianças* and *Turma da Mônica*. The choice of these periodicals is a result of researches carried out previously, which showed that these are the most readed magazines among students from schools located in Caxias do Sul (RS).

**Keywords:** Language. Childhood. Reading. Cultural product.

---

As coisas muito claras me noturnam.  
(Manoel de Barros)

## 1 INTRODUÇÃO

À primeira vista, uma capa de revista parece-nos muito clara em sua proposta de captar a atenção do leitor. Porém, um olhar mais atento sobre suas “coisas” faz emergir questões que nos “noturnam”, nos inquietam. Percebemos que existem zonas de certa obscuridade nestes objetos de leitura que precisam de maior nitidez para o entendimento de seu discurso. Cada elemento do texto e o modo como se apresenta constituem sentidos no processo de leitura. A investigação direcionada à análise de objetos culturais, como as capas de revista, pretende buscar respostas quanto ao seu provável processo de significação, pois, como afirma Bakhtin (2000, p. 294), o enunciado é “uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina com a transferência da palavra ao outro [...]”. Entendemos, nesse caso, as motivações verbais e visuais como enunciados que estão em relação e devem ser considerados na leitura.

Olhar a capa é uma motivação ligada às autoras deste artigo. A experiência de atuar como docente em turmas de anos iniciais do Ensino Fundamental permitiu-nos observar o passeio que as crianças realizam pelas capas de livros, revistas. Logo que ingressam no ambiente escolar, elas parecem apreciar “os desenhos” que se escondem por entre as palavras. Contudo, à medida que avançam na sua escolaridade, tendem a acelerar a leitura da visualidade. No caso de livro, por exemplo, estão propensas a ignorar os seus paratextos e ingressar diretamente na parte onde inicia a história, no caso de narrativas. Ademais, em outro momento, já

nos inquietava a capa de livro infantil como uma embalagem que guarda e revela (RAMOS; PANOZZO, 2005).

O livro, produto cultural anterior à revista, inicialmente não tinha capa. A ausência dessa parte, cuja finalidade inicial era guardar e proteger o miolo como também identificar a autoria, estava relacionada ao barateamento do livro, assim como ao desejo de o proprietário colocar a capa de acordo com as suas possibilidades financeiras e, ainda, com outras capas, de modo a formar coleções que adornavam ambientes. Atualmente, além de proteger o miolo, a capa também anuncia o conteúdo interno do exemplar.

A capa tem sido foco de estudos, como constatamos pela obra *Era uma vez uma capa*, de Alan Powers (2008), editado originalmente em 2003 no Reino Unido. Nessa obra, Powers apresenta peculiaridades de capas de livros infantis ligadas às condições do tempo de publicação e do leitor de cada época, desde edições do século XVIII chegando até o ano de 2002.

Pensar o impresso a partir do leitor a que se destina é uma das metas das pesquisas na área da leitura. Assim, a condição de ser criança, por exemplo, nos remete a situar o conceito de infância inserido no contexto atual. O paradigma de infância é uma construção social, que se modifica ao longo do tempo, em paralelo às características econômicas, políticas, culturais que constituem a relação entre as pessoas, seu meio e sua visão de mundo. Para entender a ideia atual de infância é preciso entender a sociedade contemporânea, que se distingue pela lógica do consumo, lógica que define modos de interação social, influencia atitudes, estabelece valores e cria desejos. O desejo de consumo é disseminado principalmente pelas mídias e seus produtos. A criança também está exposta aos apelos do mercado, é envolvida pelo consumo e pode-se conceber a infância atual como um segmento consumidor. Ghiraldelli (1996) analisa a condição da criança, a educação na perspectiva neoliberal e afirma que:

Ser criança é algo definido pela mídia, na medida em que se possui o corpo-que-consome-corpo, na medida em que se é um corpo-que-consome-corpo. A infância deixa de ser uma fase natural da vida humana e passa a ser um *flash* corporal autorizado pela mídia. (p. 38).

As críticas quanto ao papel da mídia pautam-se na noção radical de desaparecimento da infância, posição defendida por Postman (1999), pela facilidade

de acesso da criança ao universo adulto. Acreditamos que as mídias fazem parte de um conjunto de aparatos sociais, econômicos e culturais que transformaram as relações entre as pessoas, com o mundo e com seus objetos. Portanto, a noção de infância se reorganiza, conforme seu contexto de inserção. Nesse sentido, compartilhamos com a perspectiva de Kramer (2003, p. 91), no que é específico à criança, e que a identifica: “seu poder de imaginação, fantasia e criação”, além de se constituírem como “pessoas que produzem cultura e são nela produzidas”.

Os conceitos de identidade e de cultura são aproximados nos estudos de Stuart Hall (2006), sendo a atualidade geradora de identidades híbridas e traduz a cultura como um conjunto diferenciado de significados no viés das práticas sociais, ou seja, entende-se que a:

[...] ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas —‘culturas’. (HALL, 1997, p. 15).

Para melhor entender essa infância contemporânea em nossa cultura, nos dispomos a olhar mais de perto alguns dos produtos culturais a ela destinados. Neste artigo, o objeto cultural em foco são periódicos destinados ao público infantil. Entendemos que a capa da revista tem elementos que se repetem e é ela que primeiro chega ao leitor, no caso, à criança. A capa, a partir de contribuições de Bakhtin (2000), pode ser pensada como uma modalidade discursiva que se constitui por meio de certos enunciados que tendem a se repetir, uma vez que as recorrências de conteúdo temático, de estilo e de construção composicional estão presentes no enunciado. A partir de determinadas peculiaridades que se reproduzem na interação entre enunciados, surgem manifestações mais estáveis do discurso, denominadas também por Bakhtin como gêneros. Marcuschi atualiza o conceito ao considerá-los “eventos textuais altamente maleáveis e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas [...]” (2003, p. 19). Nesse sentido, a capa do periódico infantil é tomada como um gênero discursivo, já que apresenta determinada configuração, visando a provocar certos efeitos ao leitor na interação.

A revista é um produto cultural de massa que pode ser adquirido em bancas e também está presente em bibliotecas escolares. A escolha das revistas a serem estudadas neste artigo é motivada por uma pesquisa, realizada no período de outubro e novembro de 2010, acerca de leitura de revistas com estudantes de quarto e quinto ano matriculados em escolas de Caxias do Sul-RS. Foram aplicados questionários em quatro escolas – uma particular e três públicas da Rede Municipal de Ensino. A escola particular localiza-se no centro da cidade; já as municipais, estão em bairros distintos: duas em região com boa infraestrutura e uma delas em espaço geográfico, além de íngreme, com condições precárias, sem saneamento, calçamento, posto de saúde – nem mesmo o acesso ao bairro é pavimentado.

## 2 REVISTA

As revistas oferecem variedade de opções temáticas aos leitores, desde informação geral até assuntos específicos. De acordo com Nascimento (2002, p. 18), uma revista é uma “publicação periódica de formato e temática variados que se difere do jornal pelo tratamento visual (melhor qualidade de papel de impressão, além de maior liberdade na diagramação e na utilização de cores) e pelo tratamento textual”.

Uma característica marcante desse produto cultural é a sua periodicidade, o que contribui para suscitar o desejo de constante atualização daqueles leitores que são atraídos pela publicação. As afinidades constituem grupos específicos, e estes produzem identidades: sujeitos agregam-se por interesses e gostos comuns, criando comunidades leitoras por gênero, idade, classe social, entre outros. Assim, a revista, enquanto meio impresso ou eletrônico, cumpre diferentes funções, como informar, entreter, ampliar referenciais educativos e/ou culturais, prestar serviços, criticar, entre tantas possíveis, como também responde pela mobilização de seus leitores através de seus apelos discursivos.

Entremeio ao jornal e ao livro aparece a revista. Em meados do século XX, houve um grande número de publicações, e Lajolo e Zilberman (2004) informam que em 1905 surgiu, no Brasil, a *O Tico Tico*, a primeira revista de quadrinhos com trabalhos de artistas nacionais, dirigida ao público infantil. Em 1939, a revista *Gibi*<sup>4</sup>, publicada pelo grupo *O Globo* e que se tornou sinônimo de histórias em quadrinhos (HQ). Nas revistas atuais, a capa recebe atenção especial, por se tratar da

embalagem da revista, devendo ser tão atraente a ponto de levar o leitor a apossar-se dela.

### 3 CAPA VITRINE

Uma capa de livro ou de periódico funciona como uma vitrine que exhibe seu produto e que busca capturar a atenção externa para si, além de gerar no público o desejo de explorar aquilo que está guardado em seu interior. Essa vitrine dá visibilidade ao produto cultural e constitui um regime de visibilidade cujo discurso organiza um conjunto a ser analisado em seus efeitos de sentido.

O contato visual entre o leitor e a publicação é desencadeado pela impressão produzida pela capa, antecedendo a leitura de seus guardados internos. A diagramação, como planejamento visual-gráfico, responde pelas estratégias e recursos usados por uma revista para conquistar seus leitores. De acordo com Ribeiro (2003), o planejamento visual-gráfico mobiliza o consumidor, principalmente pelas qualidades da capa do material impresso, que atua decisivamente na aquisição dos objetos de leitura.

A capa, como parte de um produto cultural destinado ao público consumidor, se bem elaborada, exerce papel definidor para atrair, conquistar o olhar leitor e desencadear o desejo e a decisão de posse da publicação. O planejamento gráfico carrega a responsabilidade de produzir efeitos que envolvam os leitores, principalmente persuadir, convencer e encantar. A expressão “amor à primeira vista” pode traduzir esse processo gerado pela natureza híbrida que caracteriza muitos periódicos disponibilizados na atualidade, para públicos bem definidos, como, no caso deste estudo, o leitor infantil.

O leitor, antes de ler uma seção da revista ou mesmo um assunto, primeiro observaria a disposição dos elementos gráficos, os quais atuam como fatores de persuasão. Durante a leitura, como afirma Powers (2008, p. 7) ao traçar uma história das capas de livros infantis, ela não pode ser olhada, mas anteriormente define o livro como objeto a ser apanhado, deixado de lado ou talvez conservado.

Desse modo, como já referido, analisaremos capas de três revistas de circulação nacional, publicadas num tempo próximo, coincidindo com o período de férias escolares: *Revista Recreio* (Fig. 1) nº 511, dez 2009, *Ciência Hoje das Crianças* (Fig. 2) nº 209, jan e fev de 2010, e *Turma da Mônica Jovem* (Fig. 3), n. 18,

jan 2010. Buscamos analisar essas peças à luz do conceito de infância presente nos dias atuais, bem como a partir da cultura e da linguagem construídas para a criança, aspectos inscritos nesses objetos culturais.



### 3.1 A capa da *Revista Recreio*

A *Recreio* - fundada em 1969 pela editora Abril - é um produto cultural destinado ao público composto predominantemente por crianças de seis a onze anos. Seu título antecipa muito o conteúdo veiculado: a hora mais esperada pelas crianças, o “recreio”. A revista tem periodicidade semanal e pode ser adquirida em bancas ou por assinatura, vem dentro de um invólucro plástico, onde além da revista há também um brinde, que, no geral, é um pequeno brinquedo atrelado a uma coleção.

A capa escolhida para exame está organizada em forma de mosaico, cujo princípio de composição organiza e delimita o espaço, pela utilização de linhas em Y. Esse modo de tratar o espaço é responsável pela criação de um dinamismo, que se manifesta em todos os elementos presentes. Até mesmo parece haver uma disputa entre palavra e ilustração pelo mesmo espaço e, conseqüentemente, ambos os sistemas clamam pelo leitor. A delimitação do espaço em junção centraliza as linhas e também remete ao tema em comum, anunciado pela palavra, e une os personagens apresentados.

O fundo azul mostra, ao leitor desta capa, um universo no qual se movimentam as estrelas de um mundo de fantasia e mescla, em suas personagens, conflitos comuns às relações humanas. A tripartição do espaço expõe duplas de protagonistas com características e opiniões opostas, mas que se fortalecem na relação de amizade, sentimento que neutraliza aversões anteriores, a partir da união de interesses, diante de desafios enfrentados.

Entre os enunciados verbais da capa estão, na parte superior, o nome da revista e, na inferior, uma chamada “Amizade a toda prova”. Esse título, por sua vez, é confirmado pelas duplas de personagens que aparecem em cada um dos três segmentos responsáveis pela divisão do espaço: na parte superior, dois jovens (Ben 10 e Gwen); no lado esquerdo da capa, Ash e Pikachu, da série Pokémon; e, ao lado direito, Bob Esponja e Sandy.

Esses personagens, cabe destacar, representam a amizade que se fortalece, apesar das diferenças. Ben 10 e Gwen são dois primos que não se entendem, contudo, a relação deles se fortalece e tornam-se aliados na tentativa de salvar o universo. Ash é um menino treinador de Pokémon que se torna o treinador de Pikachu, mesmo contra a sua vontade, entretanto, ao serem atacados por alguns pokémons, constroem grande amizade. Sandy é um esquilo fêmea que passa a viver nos mares onde habita Bob, o que faz com que se tornem grandes amigos.

A estratégia de abordagem da revista para explorar o sentimento de amizade serve-se de personagens, em princípio, de mundos distintos e recorrentes na mídia televisiva dirigida à infância. O meio impresso traz elementos do imaginário das crianças para discutir o referido sentimento e amplia o espaço lúdico, estabelecendo pontes para o consumo dos respectivos desenhos animados. Aliás, a presença desses personagens indica que o público da revista é o mesmo que assiste a desenhos animados. A eleição por personagens ficcionais, presentes nas mídias em diferentes países, sugere uma globalização da infância no cenário atual, em virtude das interações entre as sociedades mundiais, aspecto já sinalizado por Stearns (2006).

As chamadas apresentam-se como janelas para o leitor. Na parte superior da capa, numa linha amarela que se estende por toda a página, há uma abertura para os “GAMES: Conheça o mundo mágico de Little Big Planet para PSP”. Abaixo do título, à direita: “Dicas para brincar durante a viagem”, tema interessante a adultos e a crianças. No canto inferior direito, por exemplo, dentro de uma pequena área oval,



na cor rosa, há a indicação de que o periódico contém: “um boneco do Circomix e 12 páginas do livro PODE PERGUNTAR”. Na base da folha, como se fosse uma moldura, repete-se a tarja amarela da parte superior, com as letras em vermelho e azul escuro: “POTTER - Saiba tudo sobre os extras do novo DVD”.

As janelas anunciadas pelas chamadas configuram um mundo lúdico onde se aprende (a) sobre a convivência a partir da história de amizade entre personagens, e não a partir da realidade imediata onde vive o leitor; (b) que a viagem de férias não é entendida como diversão, mas a revista vai indicar formas de se divertir no percurso, assumindo o papel de conselheira do interlocutor. Além do ludismo sugerido pelo periódico desde seu título, um boneco o acompanha – mais um personagem da série Circomix – para distrair o leitor. Mimetizando o espaço escolar onde o recreio – anunciado pelo título – é o momento esperado pelos alunos, a revista também veicula parte de um livro no qual constam curiosidades, cujo título é PODE PERGUNTAR. A proposta do livro coloca o estudante no papel de inquiridor, pois as respostas estão lhe esperando. Em síntese, afirmamos, a partir dessa capa, que a revista, mesmo por meio de uma proposta descontraída, assume um tom professoral que indica, aconselha sobre como agir em determinados espaços.

Os enunciados veiculados na capa do periódico, desde seu título, passando pela temática, bem pelas chamadas e personagens ali presentes, configuram uma concepção de infância como um período de permanente alienação, aquela etapa de vida de um ser ainda voltado ao divertimento, ao mundo da fantasia e já consumidor, seja de personagens criadas no universo midiático, seja de respostas prontas.

A análise de aspectos que compõem a capa anuncia a criança como um sujeito ligado à cultura midiática. Os modelos veiculados na capa são personagens de animação, e a criança, como ser real, é apagada, cedendo espaço a personagens. A cultura infantil, nesse caso, segue uma tendência globalizante, uma vez que os personagens destacados são conhecidos por crianças de diferentes partes do mundo. Os temas eleitos na capa são do universo da cultura de massa. As manchetes assumem um tom imperativo que direcionam o leitor: “Saiba tudo [...]”, “Conheça o mundo mágico [...]”, “Descubra com a turma dos desenhos [...]” contudo essas descobertas estão ligadas ao universo simbólico da cultura de massa. Apenas uma manchete direciona o leitor para o mundo real: “Férias: dicas para você brincar durante a viagem”. Enfim, a infância parece ser um período em que o sujeito não tem compromissos, exceto com o lazer e a diversão.

### 3.2 A capa de *Ciência hoje das crianças*

*Ciência hoje das crianças* é uma revista de divulgação científica, cuja periodicidade é mensal<sup>5</sup>, impressa em papel com gramatura mais espessa do que é comum em outras revistas, assim como as suas dimensões são um pouco maiores do que outras publicações de cunho mais comercial, como a *Recreio* e a *Turma da Mônica Jovem* – analisadas neste artigo. Produzida pelo Instituto Ciência Hoje para o público mirim, visa a “despertar a curiosidade de meninos e meninas como você”<sup>6</sup>, apresenta-se em cores, as páginas têm gramatura mais densa do que em outras revistas, sinalizando maior durabilidade, e traz textos em fonte média, apropriada à leitura da criança.

A Revista é o primeiro periódico brasileiro sobre ciência para crianças; foi criada em 1986, a princípio como encarte da *Revista Ciência Hoje* (adulto), tornando-se independente em 1990. Mais de 60 mil escolas públicas do Brasil recebem-na em suas bibliotecas<sup>7</sup>, através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Ademais, é a única publicação seriada que o PNBE encaminha às escolas visando ao estudante; outras publicações distribuídas pelo Programa são direcionadas aos professores.

A seriedade proposta pela revista anuncia-se já pelo título e também pelas cores utilizadas na capa, com predomínio de tons azul e cinza, bem como pelas manchetes veiculadas. O título revela o tema da revista – questões relativas à ciência e que estão sendo discutidas na atualidade - como também explicita o seu direcionamento. A identificação de um periódico situa-se, em geral, na parte superior; nesse caso, está dentro de um retângulo vermelho com moldura branca, posicionado na parte superior, deslocado à esquerda (Fig. 2). O branco do contorno também compõe as letras do título, as quais se apresentam vasadas. Outras informações relativas à composição do periódico estão na parte superior, mas usam letras de tamanho bem menor que as do título. Nessa mesma parte, seguindo a linha de orelha do impresso, a revista apresenta um traço diagonal que forma um triângulo, no qual consta uma chamada “1, 2, 3 vamos relaxar” e a imagem da personagem Dina na posição de quem vai adentrar a revista. Essa chamada, contudo, é enigmática, ao não oferecer elementos acerca do que será tratado, desafiando, portanto, o leitor a entrar no miolo da revista para saber do que se trata.

As outras marcas verbais da capa ficam abaixo da metade inferior, de modo que, entre a identificação e as manchetes, o espaço é ocupado por imagens - nessa parte, há três manchetes. O tamanho da fonte e o espaço ocupado pela principal chamada “Um lugar chamado PRÉ-SAL” sinalizam que se trata da principal reportagem veiculada nesta edição. No canto inferior direito, encontram-se duas outras sentenças: “Histórias de brincadeiras” e “Um minimorcego ameaçado de extinção”, as quais são menos destacadas, pelo emprego de fonte de tamanho bem menor que a utilizada na primeira manchete – primeira até pelo modo como nosso olhar entra na página, pois lemos da esquerda para a direita. Juntos, esses dois títulos ocupam praticamente a metade do espaço da chamada relativa à matéria do pré-sal. Portanto, a diferença na dimensão da fonte contribui para definir a importância do assunto no veículo.

A linguagem verbal, por sua vez, anuncia três reportagens presentes na edição, ao passo que a visualidade focaliza apenas aquela que recebe mais espaço na capa. Aspectos do domínio visual, como a diagramação e o emprego das cores e traçados, orientam o leitor para o campo da reflexão acerca do tema da revista: a discussão científica relativa à reserva petrolífera na camada de pré-sal, localizada aproximadamente a 5000 m de profundidade (2000 m de uma lâmina de água, 1000 m de sedimentos e 2000 m de sal)<sup>8</sup>.

Nesta capa, a ilustração centralizada cria a ambientação das profundezas escuras do oceano e mostra o que parece ser uma máquina estilizada de extração do petróleo na camada do pré-sal, cercada por seres marinhos, que, como focos de luz, clareiam o seu entorno e observam a cena. O modo de representação da imagem é simples, porém não infantilizado, nem mesmo se valendo de traços humorísticos, o que reforça o caráter sério e científico da publicação. A opção por apresentar uma imagem da máquina extratora contribui para que o leitor iniciante visualize o equipamento.

O tratamento dado à palavra e à ilustração considera o contexto e as características dos seus leitores, sem perder a natureza científica da revista. A ilustração e a manchete principal funcionam como uma janela para ingressar na proposta do periódico.

A partir da análise de aspectos que compõem a capa depreende-se uma concepção de infância como um ser curioso que adentra nas discussões presentes na sociedade onde vive. Desse modo, a criança é vista como um ser inteligente,

capaz de ampliar sua compreensão, ao expandir seus assuntos, avançando para além dos ditos temas infantis e que respeita a curiosidade da fase, enquanto informa com cientificidade. A cultura eleita não se restringe, pois, a questões ligadas a temas piegas, classificados como infantis; o periódico traz temas diversos, apenas adequa o modo de dizer às características cognitivas e linguísticas do seu público.

### **3.3 A capa da *Turma da Mônica Jovem***

A primeira revista *Turma da Mônica Jovem*, de Maurício de Sousa, foi lançada em agosto de 2008, na Bienal do Livro de São Paulo, em estilo mangá<sup>9</sup>, na qual são apresentados os já conhecidos personagens da *Turma da Mônica*, porém agora crescidos. As histórias abordam assuntos relativos ao contexto jovem e incluem namoro, sexo e drogas. Sabemos que, apesar de esta publicação buscar um público adolescente como seu destinatário, há interesse de crianças e pré-adolescentes nessa leitura, segundo depoimento do autor à revista *Veja*, edição 2098, de 04/02/2009. A utilização do estilo mangá na nova revista da turma que cresceu cria desafios aos leitores acostumados ao modo de apresentação da anterior, pois agrega elementos do traço de outra cultura, tais como a utilização do preto e branco para o texto, o desenho é estilizado e caricato, além de abordar temáticas mais ousadas. O planejamento visual, as adaptações das personagens e suas histórias somam-se para resultar na ruptura com o universo da infância e seus antigos personagens, emergindo um contexto novo, o da adolescência contemporânea.

A capa a ser analisada neste ponto do artigo é a de número 18, com a história “Surge uma estrela, parte 1 de 2”, publicada em 2010. A diagramação orienta a distribuição dos seus componentes com predomínio do sentido vertical para a figuração das personagens e horizontal para os elementos verbais escritos.

A organização dos elementos figurativos segue a orientação vertical, em plano americano<sup>10</sup>. As duas personagens, Mônica e Magali, estão centralizadas em oposição uma à outra; uma se volta para a esquerda e outra para a direita. Ambas mantêm leve contato corporal de ombros e cabelos. Os olhares são fortes e desafiadores, enquanto incitam a cumplicidade do leitor. As expressões faciais, marcadas pelas linhas curvas e irregulares de sombrancelhas, olhos e bocas, traduzem o mesmo sentido de desafio e desdém, que se reforça pela gestualidade dos braços cruzados, ombros jogados e corpos em oposição. Um retrato da sempre

atual e “velha” rebeldia que acompanha a adolescência humana. Alguns indicadores de identidade com as origens da turma estão inscritos na visualidade, ao mesmo tempo há inclusão de elementos da modernidade. Mônica mantém seus cabelos curtos, à revelia dos modelos longos que circulam pelas mídias; agora usa boné, mas em tons rosa, que garantem sua feminilidade; os dentes são os mesmos da infância, mas o corpo é delineado em curvas, barriguinha à mostra; não traz mais seu vestidinho vermelho, usa saia larga, de cós baixo; um pedacinho de coxa aparece com detalhe de uma meia listrada; complementa a camisa branca com gravata vermelha, atada em nó frouxo, bem à moda adolescente da *high school* americana, em filmes da Disney, também copiada pela atual juventude japonesa.

A adequação da “turma jovem” a conceitos ligados a ideias e a estereótipos que se alinham a princípios consumistas, produzidos e reproduzidos pelas mídias, é encontrada na revista *Veja*, edição 2098, de 04/02/2009, seção das páginas amarelas, na voz do entrevistado Mauricio de Sousa, no texto “Mônica já quer namorar”. Lá o autor da publicação afirma que “crianças de 7 anos voaram para os mangás como abelhas no mel. Leem as histórias e se projetam nos nossos personagens. As meninas não vêem a hora de ser como a Mônica Jovem: descolada, bonitinha, moderninha” (2009, p. 22).

O desejo de atingir o público e de disseminar padrões de comportamento também se manifesta nos enunciados verbo-visuais da capa analisada. Na margem esquerda, seguindo a orientação vertical, há informações escritas em branco sobre o fundo azul. Os dados iniciam de baixo para cima, primeiro o endereço do sítio da revista, a assinatura do autor e, paralelo ao rosto de Mônica, um aviso: “Aconselhável para maiores de 10 anos”; segue a última, com o *copyright*, ano da edição e o valor da revista em euros.

Notamos, pelo tamanho da fonte utilizada e pelo baixo contraste cromático do branco sobre o azul, que esses dados podem passar despercebidos pelo leitor que não tem o hábito de vasculhar o espaço de leitura. A localização espacial das informações descritas remete-as a uma condição de invisibilidade, desejo que se torna ainda mais acentuado mediante o depoimento do autor à revista *Veja*, edição 2098, de 04/02/2009, quando declara como vê seus leitores e seu receio de perdê-los:

Em cinco décadas, uma mudança extraordinária aconteceu no nosso público. Se antes adolescentes de 14 anos ainda liam e gostavam dos meus gibis, hoje eles começam a deixar de lê-los aos 7. Aos poucos começam a considerar a Turma da Mônica coisa de criança e passam a comprar mangás japoneses. Quando estão com 10, já se assumem como jovens. São os pré-adolescentes, meninos e meninas com preocupações e vontades diferentes daquelas que havia quando a Mônica foi publicada pela primeira vez. A infância, portanto, encolheu. Há mais ou menos cinco anos, comecei a pensar uma maneira de não perder esses leitores. (2009, p. 19).

Verbalmente, o que se destaca na capa da edição é o nome da revista na parte superior e, ainda a expressão “Surge uma estrela: parte 1 de 2”, escrita em amarelo, logo abaixo do título, mas do lado esquerdo da capa, situada, portanto, no caminho habitual da leitura. Constatamos, no geral, que a quase ausência de palavras dirige o olhar para pontos da linguagem visual veiculada pela diagramação: formas e cores dominam o espaço e cativam o olhar, desviando da advertência escrita sobre os destinatários da revista, grafada em vertical no lado esquerdo da capa em fonte pequena. Assim, é possível inferir que a estrutura gráfica produz efeitos que refletem o conceito de infância associado a comportamentos e consumo indiscriminado.

Como podemos ver na capa, há uma indicação de padrões pela postura das duas jovens – Mônica e Magali –, que continuam sendo amigas, mantendo sua individualidade e apresentando algumas mudanças. De acordo com as informações do sítio do próprio criador<sup>11</sup> sobre essas personagens, Mônica ainda é líder da turma e continua com seu gênio forte, mas deixou de ser baixinha e gorducha e mudou seu guarda-roupa; Magali cresceu e não engorda, apesar de seu continuado e notável apetite, pois sabe se cuidar, exercita-se para queimar calorias e tem uma dieta saudável.

Verificamos que há uma idealização do jovem adolescente, pois o que se percebe é a adoção de um modelo de vestuário e de atitudes que se identificam com “estar na moda”, “ser moderninha e descolada”. Tal padrão acolhe tipos específicos de roupas, sensuais, e uma provável identificação com a sociedade de consumo, associada aos apelos da mídia no sentido de tornar-se o centro de atenção, uma “celebridade”, de acordo com o título da edição, “Surge uma estrela”. Assim, o desejo de pertencimento e de reconhecimento pelos demais pode ser realizado por meio de comportamentos de imitação e de interiorização pelo sujeito leitor.

O conceito de infância ou pré-adolescente inscrito nesta revista é marcado por uma compreensão de um ser de padrões, estereótipos, manifestos no consumo de modas, de comportamentos, até certo ponto imitativos do universo adulto, que

rompem com uma infância de divertimento ingênuo, mas ainda descompromissado. Ou seja, o modo de apresentar a infância aqui é alterado e segue padrões da globalização, reduzindo as marcas dessa fase da vida, uma vez que prevalece a imitação do adulto. A proposta da revista está coerente com a máxima que privilegia o consumismo global que afeta rapidamente valores e comportamentos, abrangendo crianças independentemente do espaço geográfico onde vivem ou da condição social. (STEARNS, 2006, p. 201).

#### **4 CAPAS À “SEGUNDA VISTA”**

Se as capas, à primeira vista, parecem “muito claras” em suas figurações e referentes, é preciso, numa segunda vista ou visita, aprofundar o olhar sobre essas “coisas muito claras” na sua aparência, a fim de significá-las como discursos constituídos em articulações verbo-visuais, cujos sentidos - constitutivos do humano - “noturnam” e não se mostram numa leitura superficial.

Pensarmos sobre a proposta apelativa das capas, que mobiliza o público leitor, implica considerarmos a presença da visualidade não só por meio de aspectos ligados à diagramação, mas também pela inserção de personagens conhecidos do público, como se percebe na *Recreio* e também na *Turma da Mônica Jovem* – periódicos que dialogam mais de perto com a linguagem de outras mídias e que assumem explicitamente o papel comercial de produto cultural cuja meta é distrair o seu receptor. Já na *Ciência hoje das crianças*, a visualidade auxilia na concretização de aspectos anunciados pela manchete principal, em virtude da escassez de dados que o público mirim tem acerca do tema da reportagem principal.

As capas sugerem concepções de infância como público, sendo que o consumo, nesse caso, é de divertimento e de mídia, de informação que amplia a sua cultura científica e de idealização de atitudes e de valores da fase da meninice e da adolescência. No caso da *Recreio*, a referência ao universo de desenhos animados não basta, um brinde acompanha o periódico, materializado por meio de um brinquedo feito de plástico, reforçando a fragilidade e a breve existência que o mesmo terá. Aparentemente, a infância também pode ser entendida como um período fugaz, assim como o brinquedo, que, apesar do anúncio de pertencer a uma coleção, provavelmente será substituído por outro item na semana seguinte. A revista mostra que conhecer é privilegiar o espaço do recreio da criança; o intervalo

assume valor essencial, e não o contrário, quando a atenção do leitor é levada a se fixar no mundo de personagens da mídia eletrônica. A vida da criança é um grande recreio.

Os produtos culturais destinados à infância repetem características e tendências de produtos direcionados aos adultos, adaptando os temas aos interesses dos pequenos. Isso, de certa forma, é o que sinaliza a *Ciência hoje das crianças*, que traz para o mundo infantil o tema da extração de petróleo na camada do pré-sal. As peculiaridades do que pertence ao mundo infantil e ao adulto são cada vez mais tênues e tendem a se apagar. Até porque a globalização não apenas homogeneíza as infâncias, independentemente da classe social ou da região do país ou do planeta onde vive o infante, como também aproxima os mundos infantil, juvenil e adulto, ao contrário de outros tempos, quando as diferenças eram acentuadas.

A revista *Turma da Mônica Jovem* trata o conceito de infância, pré-adolescência e juventude, temáticas e padrões de comportamento, com uma liberdade não imaginada em outros tempos. A visualidade é definidora para constatar que na capa há uma idealização estereotipada em torno das duas personagens que cresceram (corpo) e desejam ter suas identidades reconhecidas (valores e objetivos), expressas na gestualidade (oposição e desafio), no vestir (estar na moda) e em suas metas (ser estrelas). As mudanças sociais e culturais da atualidade revestem as personagens Mônica e Magali com os mesmos e antigos conceitos que povoam os conflitos da fase de vida, a partir de modelos e padrões desta época, principalmente seguindo a lógica do mercado. A linguagem, pelo verbal e visual, e os assuntos polêmicos trazem inovações, bem como produzem condições para propiciar aos seus leitores, além do prazer da leitura, a identificação e a produção de subjetividades, pelo discurso assumido em suas verdades.

Os conceitos de infância e de cultura, abstraídos da revista, podem ser cotejados entre si, pois se assemelham enquanto conjunto de significados e de valores compartilhados por determinado grupo e como produtos de um tempo e de um espaço incluídos no sistema da indústria cultural, que se confunde com a configuração de uma sociedade - no caso atual, do consumo de informações e de tendências.

Este estudo partiu do pressuposto de que os periódicos em circulação são um material de leitura e que suas capas trazem elementos híbridos (verbo-visuais), que produzem efeitos de sentido a serem explorados pelos leitores, uma vez que



também os constitui. As três capas analisadas assumem funções específicas de interpelar ao leitor, além de anunciar assuntos, criar estratégias para a captura do olhar e da atenção. Também é possível identificar nelas conceitos subjacentes sobre finalidades de leitura de seus textos – na *Recreio*, divertimento; na *Ciência hoje das crianças*, informação científica, e na *Turma da Mônica Jovem*, a cultura adolescente e o consumo de padrões. Ainda foi possível observar que no *corpus* examinado predomina a diversidade, o que referenda a importância do desenvolvimento de habilidades de leitura de natureza verbo-visual para dar conta da complexidade que envolve o gênero capa de periódico.

## NOTAS

<sup>1</sup> Este estudo é parte do projeto Desafios e acolhimentos da literatura infantil: a mediação de leitura literária, aprovado pelo Edital 04/2012– PqG/FAPERGS.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela PUCRS. Professor titular Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação e no Programa de Doutorado em Letras, Associação Ampla UCS/UNIRITER. Bolsista CNPq.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela UFRGS. Professor titular na Universidade de Caxias do Sul. Professor no Programa de pós-graduação em Educação.

<sup>4</sup> A palavra “gibi”, conforme o Dicionário Eletrônico Houaiss, significa “garoto negro”; “negrinho” ou “publicação em quadrinhos”.

<sup>5</sup> São distribuídos onze exemplares ao ano, pois nos meses de janeiro e fevereiro – férias escolares– é editado apenas um número.

<sup>6</sup> Informação apresentada no sítio do periódico: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/conteudo-fixo/conheca-a-ciencia-hoje-das-criancas> Acesso em: 5 abr. 2011.

<sup>7</sup> Fonte: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/conteudo-fixo/conheca-a-ciencia-hoje-das-criancas>.

<sup>8</sup> Fonte <http://www.brasilecola.com/brasil/presal.htm>. Acesso em: 15 set. 2011.

<sup>9</sup> Mangá é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa. Os mangás diferenciam-se dos quadrinhos ocidentais não só pela sua origem, mas principalmente por se utilizar de uma representação gráfica completamente própria. A ordem de leitura de um mangá japonês é a inversa da ocidental, ou seja, inicia-se da contracapa das páginas, da direita para a esquerda. O conteúdo é impresso em preto e branco e em papel reciclado. Os traços típicos encontrados nas histórias cômicas são olhos grandes, expressões caricatas, criação original de Ossamu Tezuka. Dados compilados do sítio <http://www.brasilecola.com/artes/o-que-e-manga.htm>. Acesso em: 12 set. 2011.

<sup>10</sup> Os planos de tomada são os diferentes modos como o assunto da imagem é posicionado no seu suporte. A disposição dos personagens ou elementos no espaço visual vai além de se constituir como espaço de composição plástica, responde por criar sensações e sentimentos no espectador. No caso do plano americano, este enquadra os personagens dos joelhos para cima, destaca suas expressões e auxilia no reconhecimento das mesmas. É assim chamado por se originar nos filmes de faroeste americano, nos quais, geralmente, a câmera mostrava assim os protagonistas.

<sup>1</sup> Informações disponíveis no sítio do periódico: <http://www.revistaturmadamonica jovem.com.br/magali-cascao/personagens/sumario-personagens-167797-1.asp>. Acesso em 15/09/2011.

---

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS, São Paulo, Instituto Ciência Hoje, n. 209, jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/conteudo-fixo/conheca-a-ciencia-hoje-das-criancas>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. *Infância, educação e neoliberalismo*. São Paulo: Cortez, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

NASCIMENTO, Patrícia Ciolin. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana M. de Alencar Carvalho e José Laurentino de Melo. Rio de Janeiro: Graphia; 2005.

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMOS, F. B.; PANOZZO, N. S. P. Acesso a embalagem do livro infantil. *Revista Perspectiva*, v. 23, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9734/8962>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

REVISTA RECREIO, São Paulo, Editora Abril, n. 511, dez. 2009.

RIBEIRO, Milton. *Planejamento visual gráfico*. Brasília: LGE, 2003.

STEARNS, Peter N. *A infância*. São Paulo: Contexto, 2006.

TURMA DA MÔNICA JOVEM, São Paulo, Editora Mauricio de Sousa, Panini, n. 18, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.revistaturmadamonica jovem.com.br/magali-cascao/nesta-edicao/edicao-18-171402-1.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

VEJA, São Paulo, Editora Abril, edição 2098, ano 42, n. 5, 04 fev. 2009.